



## **Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul e vulnerabilidades frente a COVID -19.**

A história da população quilombola no Brasil é marcada pela negligência das autoridades públicas. O alastramento de problemas estruturais e do racismo nos últimos anos fomentam a crise causada pela pandemia, expondo as fragilidades dos serviços de saúde prestados à população quilombola e aumentando as desigualdades e a pobreza já bastante presente nessas comunidades, e consequentemente ampliando as vulnerabilidades e a incidência de insegurança alimentar.

Levando em conta o contexto econômico, social e de saúde que vivemos desde o mês março deste ano, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) e o Instituto Socioambiental (ISA) criaram o Observatório da COVID-19 nos Quilombos<sup>1</sup>, a fim de acompanhar e monitorar as (poucas) ações das secretarias de saúde estaduais e do Ministério da Saúde na prevenção, no diagnóstico e no tratamento das infecções pelo novo coronavírus entre os membros de quilombos em todo o território nacional (aqueles já reconhecidos e também os que ainda buscam reconhecimento público). A CONAQ aponta que os dados referentes à transmissão da doença e os óbitos recorrentes dela estão subestimados, ou seja, há uma subnotificação da COVID-19 entre os quilombolas. A falta de dados acarreta também a dificuldade de acesso a exames e a tratamento adequado.

Ainda hoje poucos territórios quilombolas são reconhecidos como tal, o que, além de dificultar o acesso a direitos, agrava a precariedade vivida por essas comunidades. Conforme dados do Observatório da COVID-19 nos Quilombos, muitos não conseguiram acesso à renda emergencial, e apontam como principais dificuldades:

<sup>1</sup> <https://quilombosem covid19.org/>

# ObservaDR/Covid-19



o acesso precário à rede de internet e ao aplicativo do celular e a redução de profissionais de assistência social desde o início da pandemia. Conforme o levantamento feito pelo Observatório da COVID-19 nos Quilombos, até o dia 19 de agosto, o número de quilombolas contaminados era de 4.276, e somava-se já um total de 155 mortes em todo o território nacional. No estado do Rio Grande do Sul ainda não foram contabilizadas mortes, no entanto, acredita-se que o número esteja subnotificado.

No RS as comunidades quilombolas, o CONSEA –RS e a EMATER-RS têm buscado atuar no acompanhamento dessas populações durante a pandemia. Assim, um mapa construído a partir de dados fornecidos pela Coordenadoria Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural-ATERS com Famílias e Comunidades de Remascentes de Quilombos da Gerência Técnica, Emater/RS-Ascar, elaborado em resposta a solicitação do CONSEA-RS, ambas instituições a quem agradecemos a permissão para o uso das informações. Os dados mostram que temos no estado 140 Comunidades Quilombolas, com 4230 famílias assistidas que totalizam 9053 pessoas.

Como podemos observar no mapa, a grande maioria das comunidades quilombolas estão localizadas na porção sul do estado do Rio Grande do Sul, em municípios conhecidos por serem mais vulneráveis e com menores índices de desenvolvimento socioeconômico (IDESE), conforme exposto anteriormente por este projeto no mapa “Segurança alimentar e nutricional, vulnerabilidade socioeconômica e COVID -19 no Rio Grande do Sul”. Em termos de distribuição sócio-espacial, as regiões do Litoral, Metropolitana e Central apresentam pontos de agrupamento de Comunidades. Considerando o distanciamento de serviços de saúde especializados e emergenciais como um fator de vulnerabilidade, as Comunidades na região Norte e Fronteira Oeste são as que se encontram em maior contexto de isolamento. A proximidade entre as Comunidades de forma alguma significa atendimento médico qualificado ou melhor atenção do poder público, porém facilita a estruturação de redes de solidariedade e cuidado.

# ObservaDR/Covid-19



Em termos de percentual populacional destacam-se Santa Maria e Muitos Capões. O número de famílias varia bastante, conforme indicado no mapa pelos círculos. As Comunidades com menor número de famílias (2 famílias) é Vila dos Corvos em Lavras do Sul e Santos Rocha em Vale Verde (5 famílias). As três comunidades mais populosas são: Santa Clara e Arredores (Canguçu) com 597 famílias, Maria Joaquina (Formigueiro) com 307 famílias e Boqueirão (São Lourenço do Sul) com 241 famílias.

Potira V. Preiss (bióloga, pesquisadora Pós- Doc no Programa de Pós-Graduação e Desenvolvimento Regional - PPGDR/UNISC).

Fernanda C. França de Vasconcellos (economista, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural - PGDR/UFRGS)

Carolina Faccin (arquitetura, mestranda em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR-UFRGS).